

Notas em torno dos objetos de devoção popular no Brasil

Notes around the objects of popular devotion in Brazil

Júlio César Tavares Dias¹

José Roberto de Souza²

Drance Elias da Silva³

*...saibam os fiéis
que a verdadeira devoção
procede da fé verdadeira
Lumen Gentium, VIII, 57*

Resumo

Entre as manifestações da piedade popular está o uso de objetos de devoção. Aqui visamos apresentar alguns desses objetos, aqueles que achamos serem os mais representativos, demonstrando as origens de seu uso. Os objetos escolhidos para se tratar neste artigo são aqueles de uso mais geral entre o povo: o crucifixo, os oratórios, os presépios e o escapulário.

Palavras-chave: devoção popular, cruz, oratórios, presépios, escapulário.

Abstract

Among the manifestations of popular piety there is the use of objects of devotion. Here we aim to present some of these objects that we think are the most

¹ Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Licenciado em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE); Professor da Rede Pública do Estado de Pernambuco. Email: julioesartdias@hotmail.com

² José Roberto de Souza é Professor e Coord. do Deptº de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN); Mestre em Teologia e História (SPN); Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Especialista em História da Religião e da Arte pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Bacharel em Teologia pelo SPN e pela UNICAP; Email: revjoseroberto@gmail.com

³ Possui Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharelado em Filosofia (1989) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Bacharelado em Teologia (1989) pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER). Atualmente é professor adjunto da Universidade Católica de Pernambuco - Mestrado em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia. Tem experiência na área de Sociologia da Religião e Teologia. Atua principalmente nos seguintes temas: Teoria da dádiva, Sociologia da Religião, Sociologia do dinheiro e sua relação com a Religião, Religião e Mudança Social. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Religiões, Identidades e Diálogos. Editor da Revista Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.

representative, demonstrating the origins of its use. The objects chosen to address in this article are those more generally used by people: crucifix, oratories, Nativity scenes and the scapular.

Key Words: Popular devotion, cross, oratory, Nativity scenes, scapular.

Introdução - O que é devoção

Devoção denota um ardor de afeição pelas coisas de Deus, por outro lado, pelo termo devoções (no plural) ou devoções populares entendem-se comumente práticas exteriores de piedade pelas quais a devoção do fiel encontra vida e expressão⁴. No Sínodo de 1974 o cardeal Pironio sintetizou e definiu a piedade popular: a maneira como o cristianismo se encarna em diversas culturas e etnias sendo assim, vivido e manifestado no povo.

Camurça⁵ considera que devoção é um “conceito e prática que no Brasil remete fundamentalmente ao contexto católico”. Camurça divide as devoções no Brasil entre aquelas populares e as canônicas,

as primeiras desenvolveram-se em torno do culto aos santos (...). As segundas delimitadas pelas diretrizes do Concílio de Trento (...) A devoção no primeiro contexto se passa em ambiente leigo e social, onde o papel do clérigo é complementar. (...) No segundo contexto, a devoção toma forma de total fidelidade à estrutura da Igreja, ao papa e ao clero.⁶

Claro que durante a história a ênfase na devoção aos santos e anjos varia de tempos em tempos: por exemplo,

⁴ CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, 2012. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/05001a.htm>> Acesso em 24/04/2014.

⁵ CAMURÇA, Marcelo. As Muitas Faces das Devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, Goiânia, v. 16, n. 3/4, mar/abr 2006. p. 257.

⁶ CAMURÇA. *Ibidem*, p. 258.

Cada vez mais, durante os séculos XIV e XV, homens e mulheres na Europa faziam de outros seres humanos o centro de sua vida espiritual (...). Aumentou o culto medieval de Maria e dos santos (...). O entusiasmo pelas relíquias e lugares santos desviou os cristãos ocidentais da única coisa necessária. As pessoas pareciam concentrar-se em qualquer coisa, *menos* em Deus⁷

No entanto,

Durante a Reforma, reformadores católicos e protestantes exortavam os fiéis a livrar-se da devoção periférica a santos e anjos e a concentrar-se apenas em Deus”, esse apelo podia encontrar eco mesmo nos anseios do laicato, “Os leigos se achavam especialmente insatisfeitos com as formas medievais de religião, que não mais respondiam às suas necessidades no admirável mundo novo⁸

Após o Concílio Vaticano II também a Igreja Católica passou por várias transformações, atingida que ela foi pelos processos de racionalização e secularização, o que levou a “esvaziar” as igrejas das suas muitas imagens. A recomendação é que as imagens se restringissem às do santo padroeiro⁹ daquela igreja, da virgem Maria, e de Nosso Senhor Jesus Cristo. O universo católico habitado por santos e anjos é resistente à secularização. Assim, se intensificam as tensões entre o catolicismo do povo e o do Concílio. Religiosidade católica pode ser conceituada como “todas as manifestações que envolvem as crenças e práticas ligadas ao

⁷ ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 276, grifo da autora.

⁸ ARMSTRONG. *Ibidem.*, p. 260, grifo nosso.

⁹ “É o santo que, para celeste protector e intercessor junto de Deus, é escolhido por uma nação, diocese, paróquia, lugar ou pessoa moral (família religiosa, corporação profissional...), com aprovação da Santa Sé” (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR).

catolicismo, que tem como ponto crucial o culto aos santos reconhecidos ou não pela Igreja”¹⁰. Assim, afirmar que essa religiosidade é *santorial*, seria uma redundância.

Quanto aos objetos de devoção convém salientar que eles são e podem ser vários, além daqueles que hoje conhecemos e sabemos existir, "A Igreja define todos esses sinais com uma palavra muito significativa: sacramentais, ou seja, sinais visíveis que nos comunicam um chamado de Deus para assumirmos com maior fidelidade o Evangelho de Jesus"¹¹. Mas alguns existem que são de uso mais geral dos fiéis da Igreja Católica, e muito entranhados na religiosidade popular brasileira. Entre estes estão o crucifixo, os oratórios, o escapulário, o presépio e o rosário. A estes que vamos nos deter aqui. O respeito aos objetos de devoção se mostra no zelo e cuidado por eles, com sua conservação e limpeza, e, mesmo quando quebrados ou rasgados ou de alguma outra forma danificados de forma que se impeça o uso devocional, não devem ser atirados no lixo comum, mas postos para serem consumidos pelo fogo ou para serem enterrados.

O uso do crucifixo como expressão de fé

*Cruzes, cruces sem fim, de cedro ou de granito,
De topo em topo e monte em monte e serra em serra,
Como braços de angustia abraçando o infinito,
Como punhaes de dôr apunhalando a terra...*
(Guerra Junqueiro)¹²

É do conhecimento de todo bom brasileiro que, o nosso país foi colonizado pelos portugueses, sendo esse povo predominantemente católico. Assim que aqui chegaram, realizaram a primeira missa, e na proporção da sua viagem, por onde

¹⁰ ANDRADE, Solange Ramos de. O Culto Aos Santos: A Religiosidade Católica e Seu Hibridismo. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano III, n. 7, Maio 2010. p. 131-145. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>> Acesso em: 12/10/2013. p. 132.

¹¹ Patrício SCIADINI. *O Escapulário de Nossa Senhora do Carmo*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 11,12.

¹² Guerra JUNQUEIRO. *Prometheu Libertado*. Porto: Chardon, 1926. p. 42.

passavam, deram nomes aos lugares, em homenagem aos santos do dia (segundo o seu calendário litúrgico que tinham em mãos). Com um propósito maior de intensificar a sua fé, entre esse novo país, chega em 1549 o primeiro governador geral, Tomé de Souza, acompanhado de um grupo de jesuítas. Após alguns séculos, mais especificamente em 1808, chega por aqui à família real.

Em fevereiro de 1810, Portugal e a Inglaterra assinaram dois importantes tratados, um de Aliança e Amizade e outro de Comércio e Navegação. O primeiro assegurou que a Inquisição não seria estabelecida no Brasil, ao passo que o segundo, em seu Artigo 12, pela primeira vez permitiu a prática legal do culto protestante no Brasil. O documento concedeu aos súditos britânicos e outros estrangeiros acatólicos ‘perfeita liberdade de consciência’ para praticar a sua religião, contanto que suas igrejas e capelas se assemelhassem externamente a casa de residência e não possuíssem sinos, bem como os protestantes não fizessem proselitismo entre os brasileiros nem pregassem contra a religião oficial.

A cena se repete com a Constituição de 1824, pois, no seu artigo 5 encontramos a seguinte afirmação: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.” Só com o advento da República (1889), na realidade no ano seguinte (1890) é que o país torna-se laico (esse assunto muito tem sido discutido ultimamente). Todavia, isso não significa dizer que a fé cristã deixou de ter os seus símbolos religiosos espalhados pelo país afora.

Entre tantos símbolos, encontramos a imagem do crucifixo. "Essa palavra vem do latim, *crucifixus*, que se deriva de *crux*, <<cruz>>, e *figere*, <<fixar>>. Em outras palavras, uma cruz que é fixada"¹³. Esse símbolo não só está associado à religiosidade católica brasileira, mas, acima de tudo ao cristianismo primitivo. Devido às inúmeras perseguições aos seguidores de Cristo a partir do primeiro

¹³ R. N. CHAMPLIN. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. Vol. 1. p. 1023. 11ª ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

século, os mesmos passaram a se reunir em algumas ocasiões às escondidas, e para se identificarem como cristãos, usavam alguns símbolos, entre esses, a imagem de um peixe, bem como um crucifixo. "Desde o começo do cristianismo, a cruz tem sido um emblema cristão. O crucifixo começou a ser usado de forma geral em cerca do século VI D.C."¹⁴ Tertuliano chegou a designar os cristãos como *Crucis Religiosi* (devotos da Cruz). Para a tradição cristã, a cruz representa à crucificação/morte de Cristo, sendo o crucifixo a sua referência mais imediata.

Todavia, diferentemente dos católicos que tem o crucifixo como uso de veneração, os protestantes por sua vez optam pela cruz vazia, dando ênfase maior à ressurreição de Cristo. O reformador Lutero recomendava a imagem do crucifixo como forma de relembrarmos a nossa culpa, já que Cristo foi nela morto por nossos pecados.

Lugares Sagrados: Os Oratórios Domésticos

*Ó Deus salve o oratório
Ó Deus salve o oratório
Onde Deus fez a morada
Oíá, meu Deus, onde Deus fez a morada, oíá¹⁵*

Com certeza, a cruz é o maior símbolo da fé cristã, e especialmente, do Catolicismo. No caso do Brasil, "Desde o início, a cruz serviu tanto como expressão da religião oficial como da devoção popular, mas evidentemente com conotações diversas em um e outro caso", assim o povo costumava "expressar a sua fé católica através da ereção de cruzeiros e cruzeiros"¹⁶. Contudo, "Outro elemento muito

¹⁴ R. N. CHAMPLIN. *ibidem*.

¹⁵ Versos da música Calix Bento, do folclore mineiro.

¹⁶ AZZI, Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. **Revista Religião e Sociedade**, 1977, 1 (1), p. 127.

importante na fé popular são os oratórios. Na linguagem canônica, o oratório serve para designar pequenos locais de culto análogos às capelas¹⁷.

A *Enciclopédia Católica Popular*¹⁸, editada pela Editora Paulinas, informa que Lugares Sagrados “São os que, por dedicação ou bênção, se reservam ao culto divino ou à sepultura dos fiéis”, e relaciona entre os lugares de culto a “capela particular (anteriormente chamado oratório privado ou doméstico), quando destinado a uma ou mais pessoas físicas, nela só se podendo celebrar a missa e outros actos litúrgicos autorizados pelo Ordinário.”

Já a *Catholic Encyclopedia*¹⁹, define oratório como “Uma estrutura que não seja uma igreja paroquial, destinada por autoridade da Igreja para a oração e a celebração da Missa” Quando ao estabelecimento de uma comunidade religiosa, o Código de Direito Canônico²⁰ nos diz: “**Cân. 608** — A comunidade religiosa deve habitar numa casa legitimamente constituída sob a autoridade do Superior designado nos termos do direito; cada casa possua ao menos um oratório, onde se celebre e conserve a Eucaristia para ser verdadeiramente o centro da comunidade” e “**Cân. 733 § 2.** O consentimento para erigir uma casa importa o direito de possuir ao menos um oratório, em que se celebre e conserve a santíssima Eucaristia”. Esses oratórios são *particulares*, se destinados a expressar a devoção de uma pessoa em particular ou uma família, ou públicos, se a autoridade eclesiástica reconhecê-los como locais de culto.

Na verdade, no Brasil, pelo termo oratório se designava tradicionalmente um nicho destinado ao culto de um santo (ou de vários santos) de devoção pessoal. Por muito tempo, foi comum as pessoas terem esses nichos em casa, sendo um costume que ainda hoje perdura, embora enfraquecido. As famílias de melhores condições chegavam mesmo a ter em suas casas um dos aposentos destinado exclusivamente

¹⁷ AZZI, 1977, p. 128.

¹⁸ <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>

¹⁹ “A structure other than a parish church, set aside by Church authority for prayer and the celebration of Mass”, <http://www.newadvent.org/cathen/11271a.htm>

²⁰ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cdc/index_po.htm

para acolher o oratório. O professor Riolando Azzi²¹ nos lembra que “Esse era o costume nos engenhos e fazendas”.

Junto ao oratório as famílias se reuniam para fazer as suas preces, principalmente quando se aproximavam as festas religiosas. Algumas famílias, contudo, rezavam o terço diariamente. Como não havia muitas igrejas e os padres eram poucos, visitando apenas de tempos em tempos as localidades mais distantes para officiar os sacramentos, os oratórios foram centrais para a manutenção da fé católica. Ainda hoje, os oratórios são importantes expressões de fé do catolicismo popular no Brasil.

"Vimos sua estrela" - os presépios

*Olhe para dentro de você
Veja o presépio como está
Deixe-o limpo bem bonito
Pois o Deus Menino
quer nele morar
(Comunidade Católica Shalom)*

Presépio, "Esta expressão designa, na tradição cristã, a mangedoura, onde o Menino Jesus foi reclinado ao nascer (Lc 2,7)"²². A tradição dos presépios remonta a São Francisco de Assis, que fez o primeiro inspirado na leitura do Evangelho de Lucas sobre o nascimento do Menino Jesus. Mas o presépio não pode ser entendido como uma ilustração histórica, caso assim fosse seria impossível conceber pastores e magos compartilhando a cena, uma vez que os magos só chegaram muito tempo depois. Presépio é uma ilustração simbólica, religiosa e sagrada. Por isso, o jumentinho junto à manjedoura deve ser visto muito mais do que como a montaria

²¹AZZI, 1977, 1 (1), p. 128.

²² Hugo Schlesinger, Humberto Porto (org.). **Dicionário Enciclopédico das Religiões** - Vol. II - K - Z. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 2.108.

que conduziu a Virgem até Belém: deve ser-nos a lembrança das palavras do profeta Isaías (1,3): “O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura de seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, meu povo não é capaz de entender”.

Conforme o *Dicionário Enciclopédico das Religiões*,

O primeiro presépio foi feito por S. Francisco, em Greccio, Itália, na noite de Natal de 1223, numa gruta, com um boi e um burrinho, vivos, e um pouco de feno... Sobre a gruta foi celebrada a Missa. A devoção ao presépio teve, realmente, importantes precedentes históricos. O primeiro foi reprodução do presépio de Belém, mandada fazer, talvez, pelo Papa Sisto III, que construiu a Basílica de Santa Maria Maior, chamada Santa Maria ad praesepe, representação esta que, depois, foi venerada pelos Papas sucessivos. Estava colocada num oratório, mas o Papa Sisto V ordenou ao arquiteto Fontana que a transferisse para a Capela do Santíssimo Sacramento, onde atualmente se encontra. Exibiram-se, nas igrejas ou residências particulares, os pastoris (dos fins do século XVIII até princípios do XX), com pastoras, entoando jornadas de oferendas. A lapinha, entoadada diante do presépio, com sentido puramente religioso, está quase totalmente desaparecida²³.

Tornou-se comum concursos de presépios. Por exemplo, a Universidade Federal de São João del Rey - UFSJ²⁴, desde 2006, instituiu o concurso de presépios com vistas a incentivar e divulgar a tradição artístico-religiosa de artesãos locais. Os presépios ficam expostos no Centro Cultural da UFSJ, pertinho da turística Igreja de Nossa Senhora do Carmo, abertos à visitação do público que é quem vota para escolher o melhor presépio das duas categorias: tradicionais e não-tradicionais. O resultado e a entrega dos prêmios ocorre sempre no dia 6 de janeiro, dia de Reis, que fecha os festejos do ciclo natalino. Entre os presépios não-tradicionais na exposição de 2013²⁵ havia presépios²⁶ feitos em sabonete, em formato de bolo confeitado, em casa de taipa, em formato de mão (representando a mão de Deus, em cujo centro

²³ *Dicionário Enciclopédico das Religiões* - Vol. II - K - Z, p. 2.108.

²⁴ Ver http://www.ufsj.edu.br/centrocultural/concurso_de_presepios.php

²⁵ Eu, Júlio Dias, visitei a exposição em 12.12.2013.

²⁶ Veja fotos e o nosso relato da visita em: <http://crunicap.blogspot.com.br/2013/12/menino-deus.html>

estava o menino Jesus e os demais personagens do presépio eram representados pelos dedos), em forma de mandala... Essa enorme variedade mostra que a devoção se renova e embora antiga ganha ares de modernidade pelos materiais e pelas novas formas com que se constroem atualmente os presépios.

"Forte armadura/ ante o adversário"²⁷ - o escapulário

*Meu uniforme é um short velho e meu escapulário
Nessa praia não me sinto solitário
Eu sou remetente e também sou destinatário
Das garrafas que hoje eu lanço e jogo no mar...*

(Luís Carlinhos)

O nome escapulário vem de "escápulas" (do latim *scapula* = espáduas, ombros), e designa certo hábito que os monges usavam para o trabalho²⁸. Conforme a Enciclopédia Católica Popular,

1. Originalmente, era a veste usada pelos monges nos trabalhos agrícolas, que defendia sobretudo a cabeça e as costas. Hoje, no hábito de antigas ordens religiosas (Benedictinos, Carmelitas, Dominicanos...), o e. reduz-se a duas bandas de tecido que pendem sobre o peito e sobre as costas. 2. Uma miniatura de tal e., reduzida a dois pequenos rectângulos de tecido ligados por cordões, passou a ser imposta aos oblatos terceiros e membros de confrarias dessas ordens. A Igreja chega a indulgenciar 15 destes e.s. 3. O mais conhecido é o **escapulário de N.^a Sr.^a do Carmo**, de dois pedacinhos de lã castanha, que podem ser substituídos (por autorização de Pio X em 1910) por uma medalha com as imagens do Coração de Jesus e de Nossa Senhora. Segundo promessa feita inicialmente por Nossa Senhora a S. Simão Stock (1251), o piedoso uso do e. assegura protecção espiritual da Mãe de Deus sobretudo na hora da morte. Trata-se dum *sacramental, que deve ser benzido e imposto por um sacerdote, actuando, não como amuleto, mas como apelo permanente a uma vida santa revestida das virtudes de N.^a Sr.^a V. Carmo.

²⁷ Esse subtítulo consiste de um verso da canção Flor do Carmelo.

²⁸ SCIADINI, *Ibidem*, p. 26.

São Bento em sua Regra fala do escapulário para o trabalho; a razão pela qual os monges o usavam era para não sujar as túnicas, e "Com o tempo, estabeleceu-se um escapulário em tamanho reduzido para ser dado aos fiéis²⁹. A imposição do escapulário deveria relembrar as palavras de Jesus: "Meu jugo é suave, meu fardo é leve" (Mateus 11,30). Sciadini³⁰ nos lembra que "A devoção ao escapulário é das mais antigas no coração do povo", uma vez que "Não foram apenas os carmelitas que difundiram esta devoção", mas muitos missionários ofereciam aos fiéis o escapulário divulgando o amor a Mãe de Jesus e tendo-o como meio de honrá-la.

"O escapulário surgiu na Idade Média e, através de tempestades, de momentos de glória e derrota, chegou até nós"³¹. O Monte Carmelo é lugar sagrado no Antigo e Novo Testamento. Nele o profeta Elias haveria desafiado os profetas de Baal acerca do verdadeiro Deus (1 Reis 17,19ss). E neste monte que os Carmelitas teriam sua origem. Com uma série de perseguições, os carmelitas são forçados a deixar o Oriente e seguir para Europa (1245 a 1265), onde são hostilizados por outras ordens que temiam a concorrência no mercado religioso. Simão Stock foi um carmelita reconhecido pela sua devoção e constantes orações. "Conta a tradição que ele rezava continuamente a Maria para que ela manifestasse, por meio de um sinal, sua proteção aos carmelitas. (...) Conta-nos ainda a tradição que a virgem, para mostrar seu amor aos carmelitas, teria entregado ao seu devoto Simão o escapulário"³².

Teria também dito a Virgem-Mãe que quem morresse portando o escapulário se salvaria. Daí que o escapulário se tornou uma espécie de amuleto e muitos o usam, inclusive, com a intenção de ser ele um objeto da sorte para não se morrer afogado. Assim, torna-se uma necessidade para Igreja levar seus fiéis a "desmistificar o escapulário, purificando-o da auréola que as lendas nele depositaram", aliás, "Sinais e

²⁹ SCIADINI. *Ibidem*. p. 26.

³⁰ *Ibidem*, p. 25.

³¹ *Ibidem*, p. 93.

³² *Ibidem*, p. 28,29.

devoções não tem valor em si mesmos"³³, mas na devoção que instigam com o sagrado.

Considerações finais

Queiramos admitir ou não, independentemente do nosso credo, ou opção religiosa, o certo é que, os símbolos relacionados à cristandade no Brasil, esses estão intrinsecamente enraizados na própria cultura do brasileiro (sem falar noutros povos que também foram colonizados por nações e governantes católicos). Vejamos, por exemplo, os símbolos encontrados nos epitáfios: uma estrela e uma cruz. O primeiro relacionado ao nascimento (de Cristo, quando a estrela serviu de caminho para levar as pessoas no lugar onde ele estava), enquanto a cruz, essa está relacionada à morte (também de Cristo). Tentar evitar essa realidade é tentar apagar a história.

"É um erro pensar que as pessoas cultas e abastadas dispensam esses meios 'ordinários' de encontro com Deus"³⁴, como é um erro também pensar o uso de tais objetos a "superstições" a serem superadas com o avanço da ciência e da civilização, bem como tratá-los como "amuletos". Conhecer os objetos de devoção é um dos modos de se notar a força da religiosidade popular que tem tradições que subsistem desde longo tempo.

Referências

ANDRADE, Solange Ramos de. O Culto Aos Santos: A Religiosidade Católica e Seu Hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano III, n. 7, Maio 2010. p. 131-145. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>> Acesso em: 12/10/2013.

ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

³³ SCIANNI. *Ibidem*, p. 13.

³⁴ SCIANNI. *Ibidem*, p. 12.

AZZI, Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. **Revista Religião e Sociedade**, 1977, 1 (1).

CAMURÇA, Marcelo. As Muitas Faces das Devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 16, n. 3/4, mar/abr 2006.

CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, 2012. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/05001a.htm>> . Acesso em 24/04/2014.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**. Vol. 1. 11^a ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

FALCÃO, Manuel Franco. **Enciclopédia Católica Popular**. São Paulo: Paulinas, 2004. Disponível em:< <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>>. Acesso em 20 nov. 2014.

JUNQUEIRO, Guerra. **Prometheu Libertado**. Porto: Chardon, 1926.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto (org.). **Dicionário Enciclopédico das Religiões** - Vol. II - K - Z. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCIADINI, Patrício. **O Escapulário de Nossa Senhora do Carmo**. 3^a ed. São Paulo: Loyola, 2003.